

Cine poema no bosque – Fernando Gerheim

Fernando Gerheim, em seu *Cine poema no bosque*, convoca a presença da lua como um sortilégio noturno, remetendo-nos, em um jogo especular, por exemplo, à *Viagem à lua* de George Méliès, à lua recortada e montada no compasso da animação de William Kentridge, à lua eletrônica de Nam June Paik, no início da história da videoarte. Em um lençol estendido, num bosque mítico, que poderia ser habitado por faunos e ninfas, a projeção da imagem da lua convida o visitante a confrontá-la com o seu referente, tão longínqua que parece ser uma sombra do que vemos no lençol. O flerte fugidivo entre a lua e a sua imagem é experienciado por nós, espectadores, em nosso percurso no escuro, entre as árvores. Estamos perplexos e atentos ao que se desenrola sob o céu noturno, testemunhas da dança entre duas luas que nos iluminam. Há algo de inaugural no gesto poético de Gerheim, a dissonância entre uma lua e outra não é apenas uma representação, mas a busca pela indistinção entre a coisa e sua imagem, a potencialização da imagem no sentido bergsoniano de uma imagem-coisa; e, ao mesmo tempo, o esgarçamento do sentido, o deslocamento de termos, produzindo uma sombra da língua, uma substância sonhada. Pois em *Cine poema no bosque*, Fernando Gerheim promove uma *situação cinema* e uma *situação poema*, em que o filme é apenas uma faísca que acende os diversos elementos ali dispostos, deslocando-os da clássica sala de cinema para um *site specific* cinematográfico; e em que, através do uso aleatório de indicadores de enunciação (ou *shifters*) – como “aqui” e “lá” – uma linguagem em estado embrionário forma e dissolve possíveis constelações de sentido. Neste filme-poema experimentado no escuro da floresta, todos somos personagens que habitam a lua ou um mundo sublunar, pois, em meio às sombras, a lua é a nossa única fonte de luz. O vai e vem telescópico é o dispositivo usado pelo artista que nos convida, no uso sensível do movimento e do deslocamento, aos primórdios da linguagem e dos tempos, quando ainda líamos a escrita das estrelas a cada noite.